

PRODUTIVIDADE DE PLANTAS DE BATATA-DOCE ORIUNDAS DE MATRIZES LIVRES DE VÍRUS

Amarílis Beraldo Rós

Eng. Agr., Doutoranda, PqC do Polo Regional Alta Sorocabana/APTA

amarilis@apta.sp.gov.br

Nobuyoshi Narita

Eng. Agr., Dr., PqC do Polo Regional Alta Sorocabana/APTA

narita@apta.sp.gov.br

Andréia Cristina Silva Hirata

Eng. Agr., Dr., PqC do Polo Regional Alta Sorocabana/APTA

andreiacs@apta.sp.gov.br

A batata-doce é uma planta de fácil cultivo, podendo produzir em boas condições técnicas entre 20 e 30 t/ha (EMBRAPA, 1995), no entanto, o cultivo da batata-doce apresenta uma série de problemas fitossanitários, dentre os quais destacam-se os de etiologia viral. Os vírus que afetam a cultura são transmitidos principalmente por moscas brancas e pulgões (VALVERDE & SIM, 2004)

Pelo fato de ser propagada vegetativamente, a cultura da batata-doce tende a aumentar a incidência de plantas infectadas por vírus durante os sucessivos cultivos, resultando em uma significativa queda na produção. Dependendo do tipo de vírus e da interação entre eles, a queda de produtividade pode variar entre pouco significativa a 99% em relação a plantas sadias (KREUZE & FUENTES, 2008).

O incremento da produtividade pode ser obtido por meio do uso de material de propagação livre de vírus, obtido por meio de cultura de meristema. No estado do Rio de Janeiro, dados da Empresa de Pesquisa Agropecuária mostraram que a utilização desse recurso resultou em produtividades superiores, que variaram entre 23 e 108% (POZZER et al., 1994).

No entanto, a presença de plantas doentes e vetores pode resultar em reinfecção e, conseqüentemente, perda de produtividade, sendo verificada reinfecção de plantas livres de vírus nas taxas de 30% no segundo; 50% no quarto e 80% no sexto mês após plantio em área não isolada (POZZER et al., 1994).

Assim, visando comparar a produtividade da cultura da batata-doce oriunda de materiais livres de vírus e de plantio comercial foram realizados trabalhos com duas variedades de batata-doce (Londrina e Uruguaiana) no Pólo Regional da Alta Sorocabana, em Presidente Prudente/SP.

Resultados e Conclusão

O material vegetativo oriundo de plantas isentas de vírus apresentou maior produtividade que o material cuja origem é de plantas de lavoura comercial. Na variedade Londrina (Tabela 1), a produtividade total e comercial das plantas de origem de plantio comercial foi, em média, equivalente a 63,7% e 65,7 % da produtividade de plantas oriundas de material isento de vírus, respectivamente.

Tabela 1. Produtividades total e comercial de batata-doce variedade Londrina em função do material de origem.

Material de origem	Produtividade total (t/ha)	Produtividade comercial (t/ha)
Matrizes livres de vírus	28,7 (100%)	26,8 (100%)
Plantio comercial	18,3 (63,7%)	17,2 (65,7%)

Na variedade Uruguaiana (Tabela 2), a produtividade total e comercial das plantas de origem de plantio comercial foi, em média, equivalente a 66,2% e 63,8 % da produtividade de plantas oriundas de material isento de vírus, respectivamente.

Tabela 2. Produtividades total e comercial de batata-doce variedade Uruguaiana em função do material de origem.

Material de origem	Produtividade total (t/ha)	Produtividade comercial (t/ha)
Matrizes livres de vírus	28,3 (100%)	26,8 (100%)
Plantio comercial	18,7 (66,2%)	17,1 (63,8%)

Assim, as plantas oriundas de material isento de vírus, mesmo cultivadas próximas a plantas oriundas de plantio comercial e expostas a possível contaminação por viroses apresentaram produtividades total e comercial superiores às plantas oriundas de plantio comercial, supostamente infectadas por vírus. Dessa forma, a utilização de materiais isentos de vírus representa uma opção para incremento de produtividade e de renda.

Referências

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças. Cultivo da batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam). 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Agricultura, Abastecimento e Reforma Agrária, 1995. (EMBRAPA-CNPQ. *Instruções técnicas* 7).

PESAGRO-RIO. EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Recomendações para a cultura da batata-doce. 2002. Citado por KROTH, L.L.; DANIELS, J.; PIEROBOM, C.R. *Revista Brasileira de Agrociência*, v.10, n.1, p.79-82, 2004.

POZZER, L. et al. Avaliação da taxa de reinfecção de plantas de batata-doce livre de vírus pelo “*Sweet potato feathery mottle virus*” em condições de campo. *Fitopatologia Brasileira*, v.19, n. 2, p. 231-234. 1994.

VALVERDE, R.A.; SIM, J.; LOTRAKUL, P. Whitefly transmission of sweet potato viruses. *Virus Research*, n.100, p.123–128, 2004

KREUZE, J.; FUENTES, S. Sweetpotato Viruses. [Encyclopedia of Virology. 3ed.](#) 2008. p.659-669.